

**Conjuntura** Salvador tem a maior taxa de desocupação do país, 8%, e Porto Alegre registra a menor, 2,8%

# Os dois extremos do mapa do emprego

**Denise Neumann**  
De São Paulo

Porto Alegre e Salvador vivem momentos opostos. Enquanto na região metropolitana da capital gaúcha a situação é de pleno emprego, Salvador tem registrado as maiores taxas de desocupação do país. Em janeiro, 8% do total da População Economicamente Ativa (PEA) da região metropolitana da capital baiana estava a procura de

## Em Porto Alegre, população ocupada e renda crescem sem saltos de inflação

**Sergio Ruck Bueno**  
De Porto Alegre

A expansão demográfica abaixo da média brasileira e o crescimento da população ocupada acima da evolução do contingente de pessoas em busca de trabalho têm levado a região metropolitana de Porto Alegre a registrar, há vários meses, o menor índice de desemprego do país. A renda dos trabalhadores da região está subindo acima da média nacional, mas sem provocar saltos inflacionários, graças principalmente à produção de alimentos no Rio Grande do Sul.

Na Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE referente a janeiro, Porto Alegre registrou desemprego de 2,8%, o menor patamar da série histórica para o mês e 0,7 ponto percentual abaixo do mesmo período de 2013. Na média das seis regiões metropolitanas pesquisadas (São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador e Recife, além da capital gaúcha), o desemprego recuou de 5,4% para 4,8% na mesma comparação.

A última vez que a região metropolitana de Porto Alegre não registrou a menor taxa de desemprego, segundo o IBGE, foi em março de 2012 — o posto foi ocupado por Belo Horizonte (5,1%) e a taxa em Porto Alegre atingiu 5,2%. Em outubro de 2012, as duas capitais registraram juntas o índice mais baixo (3,9%). Os dados relativos à pesquisa de emprego do IBGE de fevereiro serão divulgados hoje.

A Pesquisa de Emprego e Desemprego realizada pela Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul indica que a taxa de desocupação em Porto Alegre recuou para 5,6% em fevereiro, ante 6,2% no mesmo mês de 2013. Foi o menor índice desde o início da pesquisa, em 1992. O estudo é realizado em convênio com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) e a Fundação Seade.

emprego, percentual que era só 2,8% em Porto Alegre. No meio do caminho, o desemprego médio das seis regiões pesquisadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi de 4,8%.

O aumento do desemprego em Salvador, porém, não decorreu de um corte de vagas, pelo contrário. Na média de 2013, foram abertas 91 mil vagas na região metropolitana da capital baiana, aumento de 4,8% na ocupação. No Brasil to-

do, essa taxa cresceu apenas 0,56% e em Porto Alegre, 0,85%.

O desemprego em Salvador subiu porque não cresceu o número de pessoas que saíram do mercado de trabalho por conta própria. Enquanto no Brasil, 707 mil pessoas desistiram de procurar um emprego, em Salvador esse número cresceu (52 mil) e reforçou o contingente na disputa por uma vaga.

Além do componente de comportamento da população, o de-

semprego nas duas regiões metropolitanas também reflete, em parte, o ritmo de atividade da indústria. No Rio Grande do Sul, a produção industrial acumula, nos últimos 12 meses, crescimento de 6,8%, quase o dobro do ritmo baiano no mesmo período.

A demanda forte no mercado de trabalho gaúcho também fez o rendimento médio real subir acima da média nacional no ano passado. Em Porto Alegre, os traba-

lhadores encerraram 2013 com um salário 5,8% maior em termos reais em relação ao ano anterior, enquanto em Salvador a renda média caiu 10,5%, refletindo a maior oferta de trabalhadores.

Caso o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central estivesse olhando para as duas cidades, seria um exercício curioso. Os índices de inflação foram semelhantes, apesar do comportamento distinto da renda. A inflação na

capital gaúcha foi de 5,79% no ano passado, índice maior que o de Salvador (5,03%), mas menor que a média do país (5,91%).

Se os IPCAs foram próximos, o mesmo não aconteceu no varejo. Pelos dados da Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE, as vendas do varejo ampliado no Rio Grande do Sul subiram 6,4% no ano passado, bem acima dos 3,6% da média nacional. Na Bahia, o crescimento foi de apenas 1,7% em 2013.

## Com mercado aquecido, reivindicações incluem até vagas no estacionamento

De Porto Alegre

As baixas taxas de desemprego vêm garantindo reajustes salariais acima da inflação e benefícios mais robustos para os trabalhadores da região metropolitana de Porto Alegre. A disputa entre empresas pela mão de obra se acirra e as demandas feitas pelos sindicatos nas negociações salariais incluem agora novos itens, como mais vagas para os funcionários no estacionamento.

O segmento com maior geração líquida de postos de trabalho nos 12 meses encerrados em fevereiro foi o comércio varejista (6,5 mil novas vagas), seguido pela construção civil (5,8 mil), segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Nas indústrias metalúrgicas, mecânicas, de material elétrico e comunicações, o saldo foi de 1,2 mil vagas.

Nas metalúrgicas, o aumento de vagas combinado com a oferta reduzida de mão de obra garantiu aumento salarial real (acima do INPC) de 13,2% no acumulado de 2008 a 2013, relata o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Para os operários da construção civil, a alta real chegou a 11,6% e para os comerciários, a 9%. No período, os pisos salariais das três categorias cresceram entre 17,3% e 28,7%.

Nos últimos dois anos, as indústrias metalúrgicas começaram a pagar bônus para atrair empregados de outras empresas, explica o supervisor técnico do Dieese no Estado, Ricardo Franzoi. De acordo com ele, as "luvas" [do jargão futebolístico] servem para cobrir a multa de 40% do FGTS da qual o trabalhador abre mão ao se demitir. Outros benefícios que se disseminaram nas negociações recentes em todas as categorias foram vale-alimentação e auxílio-creche.

Segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas,

Paulo Chitolina, nos últimos anos a categoria obteve melhorias nos planos de saúde, nos serviços de alimentação e transporte e nos programas de participação nos resultados, que já representam até 1,7 salário-base adicional para cada trabalhador por ano.

"Agora estamos brigando para que as empresas abram mais espaços nos estacionamentos, porque boa parte dos metalúrgicos tem carro", diz o sindicalista. De acordo com ele, trabalhadores mais qualificados, caldeireiros ou soldados, ganham hoje R\$ 3 mil por mês, ante R\$ 1,7 mil há cinco anos.

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas de Canoas (Simacan), Roberto Machener, diz que a maior dificuldade é preencher as vagas em áreas como manutenção, usinagem e estamparia, que envolvem operação de máquinas mais pesadas. Segundo ele, a solução encontrada pelas empresas é investir para capacitar e reter trabalhadores e, onde é possível, para automatizar os processos.

A automatização, porém, não é tão simples, explica o empresário. Os equipamentos são caros, representam custo fixo elevado mesmo em períodos de baixa produção e não podem ficar ociosos. Já a mão de obra é uma despesa variável, que pode ser ajustada conforme a sazonalidade do negócio.

Na construção civil, um trabalhador especializado —pedreiro, carpinteiro ou azulejista — ganha até R\$ 3 mil por mês, ante R\$ 1,8 mil há cinco anos. Mesmo assim, a escassez de mão de obra qualificada persiste, diz Ricardo Sessegolo, presidente do Sinduscon. "A renda está dando uma melhorada, mas as empresas ainda precisam melhorar as condições de saúde e segurança", afirma o secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil de Porto Alegre (Sticc), Gelson Santana. (SRB)



Para Bastos, da FEE, baixo desemprego não ocorre por abertura de mais vagas

para R\$ 1.779. No conjunto das regiões metropolitanas houve queda de 1,2%, para R\$ 1.668.

Com a PEA estagnada, as empresas têm de ser "mais receptivas às demandas salariais dos trabalhadores", diz Bastos. O rendimento médio real habitual dos ocupados cresceu 7,7% na região metropolitana de Porto Alegre entre janeiro de 2013 e janeiro de 2014 e alcançou R\$ 1.989, segundo o IBGE. Na média das seis regiões, a alta foi de 3,6%, para R\$ 1.984, o que colocou a capital gaúcha em terceiro lugar, atrás de São Paulo e Rio.

Para o economista Marcelo Portugal, do Departamento de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o aumento da renda em Porto Alegre não provoca descolamento da inflação regional em comparação com o resto do país, porque o Estado é grande produtor de alimentos, o que neutraliza o impacto de custos de serviços como fretes. No acumulado de 12 meses até fevereiro, o IPCA local avançou 5,55%, ante

5,68% na média nacional.

Segundo Portugal, a taxa de desemprego em Porto Alegre é resultado de um fenômeno "estrutural". Além do baixo crescimento da população, o professor cita a "emigração líquida" do Rio Grande do Sul, o que ajuda a acentuar a tendência de estagnação da PEA. De acordo com o Censo 2010, o saldo migratório negativo (diferença entre o número de pessoas que deixam e migram para o Estado) aumentou de 39,5 mil no período 1995-2000 para 74,6 mil entre 2005 e 2010. Em São Paulo, por exemplo, o balanço foi positivo em 255,8 mil no período.

Atualmente, lembra o professor, algumas empresas buscam trabalhadores em outras regiões para suprir a demanda por mão de obra no Rio Grande do Sul. A construtora OAS trouxe operários do Nordeste para as obras arena do Grêmio, recentemente concluída. Segundo Portugal, no entanto, esse é um fenômeno pontual, porque a maioria desses trabalhadores ainda prefere migrar para São Paulo e Rio.

# Em Salvador, migração gera maior taxa entre as capitais

**Francine de Lorenzo**  
De São Paulo

O contraste entre a Bahia industrial de Camaçari e a Bahia rural do Semiárido é o pano de fundo da história que mostra um Estado deslocado do restante do Brasil. Os indicadores macroeconômicos da Bahia traçam um cenário bastante distinto do verificado em outros Estados, e os economistas encontram argumentos diversos para justificar a diferença.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a taxa de desemprego em Salvador em janeiro correspondeu a 8% da População Economicamente Ativa (PEA), enquanto a média nacional ficou em 4,8%. O rendimento médio da população baiana no mês, descontada a inflação, foi de R\$ 1402,20, 7,8% menor que os R\$ 1520,44 de um ano antes. Nenhuma das outras cinco áreas metropolitanas registrou queda na renda no período.

"A migração fez com que a quantidade de trabalhadores em busca de emprego crescesse mais do que a oferta de vagas. Esses trabalhadores têm baixa qualificação, o que implica rendimento médio menor", diz Oliveira. Dentre as regiões pesquisadas pelo IBGE, somente a de Salvador apresentou aumento na PEA (6%) entre janeiro de 2013 e o mesmo mês de 2014. Neste período, a desocupação cresceu 33,3%, com mais 40 mil pessoas à procura de trabalho.

Os investimentos em ampliação e modernização do polo industrial de Camaçari, que pelas contas de Armando Avena, ex-secretário de

rural para o urbano nos últimos meses, em busca de melhores condições de vida, não encontraram emprego, o que manteve a taxa de desocupação alta e salários menores que em outras regiões.

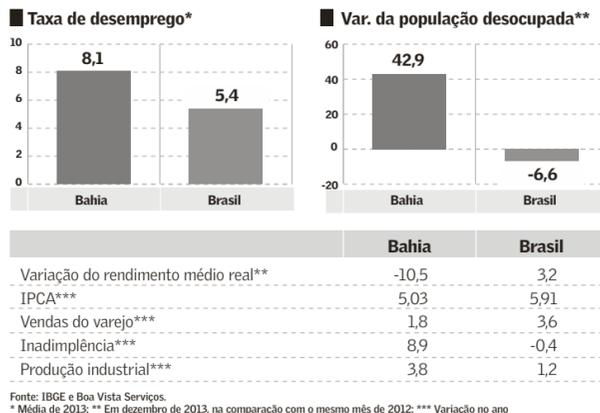
O cenário não se alterou em 2014. Os números do IBGE mostram que a taxa de desemprego em Salvador em janeiro correspondeu a 8% da População Economicamente Ativa (PEA), enquanto a média nacional ficou em 4,8%. O rendimento médio da população baiana no mês, descontada a inflação, foi de R\$ 1402,20, 7,8% menor que os R\$ 1520,44 de um ano antes. Nenhuma das outras cinco áreas metropolitanas registrou queda na renda no período.

"A migração fez com que a quantidade de trabalhadores em busca de emprego crescesse mais do que a oferta de vagas. Esses trabalhadores têm baixa qualificação, o que implica rendimento médio menor", diz Oliveira. Dentre as regiões pesquisadas pelo IBGE, somente a de Salvador apresentou aumento na PEA (6%) entre janeiro de 2013 e o mesmo mês de 2014. Neste período, a desocupação cresceu 33,3%, com mais 40 mil pessoas à procura de trabalho.

Os investimentos em ampliação e modernização do polo industrial de Camaçari, que pelas contas de

### A economia baiana em 2013

Desempenho dos indicadores macroeconômicos - em %



Planejamento do Estado, somarão R\$ 15 bilhões até 2015, estão atraindo trabalhadores a Salvador, mas as expectativas são frustradas pela falta de preparo profissional. "Há mais um fator que contribuiu para esse resultado: a decadência de Salvador", diz Avena.

Segundo o ex-secretário, o aumento da violência e a precariedade da infraestrutura reduziram o turismo na capital baiana, comprometendo o comércio da região. O crescimento mais moderado do varejo na Bahia — 1,8% em 2013, abaixo da média nacional, de 3,6%

— também seria reflexo da baixa confiança dos consumidores, diante das condições desfavoráveis do mercado de trabalho.

"Os trabalhadores ganharam menos, gastaram menos e, consequentemente, os preços subiram menos", afirma Marcos Castro, vice-presidente do Instituto Brasileiro dos Executivos de Finanças (Ibfe) e sócio da PricewaterhouseCoopers. Em 2013, Salvador registrou a menor inflação entre as 11 regiões pesquisadas para apuração do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). A

alta foi de 5,03%, enquanto a média nacional ficou em 5,91%.

Neste início de ano, entretanto, o quadro começa a mudar. A inflação acumulada em janeiro e fevereiro foi de 1,19%, abaixo da média nacional (1,24%), mas acima dos percentuais registrados em 9 de 13 localidades analisadas.

A piora nas condições de emprego e renda tiveram impacto sobre a inadimplência no Estado. De acordo com a Boa Vista Serviços, administradora do SPC, os registros de dívidas vencidas e não pagas na Bahia subiram 8,9% no ano passado, contrastando com a queda média de 0,4% no país.

Esse quadro econômico desfavorável tende a mudar a partir deste ano, com a retomada dos investimentos na Bahia, diz Castro. "Em Salvador, vemos movimentações principalmente no que se refere a mobilidade urbana e redesenho de traçados turísticos."

A expectativa é que a construção civil, que no fim do ano passado apresentava um quadro de funcionários 4,2% mais enxuto que no mesmo período de 2012, volte a contratar, absorvendo parte da mão de obra disponível no mercado baiano. Entre dezembro e janeiro, houve aumento de 0,6% na ocupação no setor, com a admissão de mil profissionais. Foi a primeira vez desde junho de 2013 que o em-

prego na construção aumentou.

O diretor comercial da MRV Engenharia, Yuri Chain, diz que, após dois anos de estagnação no mercado imobiliário de Salvador, a expectativa é de retomada dos projetos que ficaram parados devido ao impasse criado por mudanças na legislação de uso do solo. A MRV pretende lançar em 2014 quatro empreendimentos.

Além da construção, outros setores devem ganhar fôlego neste ano na Bahia. Segundo Castro, estão previstos aportes robustos em segmentos como mineração, automóveis, papel e celulose, além de portos. Em 2013, a indústria baiana se destacou como a que mais crescia no país, considerando os resultados acumulados em 12 meses. Esse cenário só não foi válido em dezembro, quando a produção da indústria extrativa e de produtos químicos recuou e a de refino de petróleo, metalurgia e veículos perdeu fôlego. Ainda assim, a indústria baiana encerrou o ano com crescimento de 3,8%, mais que o triplo da média nacional (1,2%).

Os especialistas chamam a atenção para o oeste da Bahia, onde se encontra um núcleo próspero de agronegócios. "Existem ilhas de modernidade no sertão baiano, que produzem com alta tecnologia e produtividade soja, algodão e milho", diz Avena.